



António M. Santos Ramos \*

**Sector com francas potencialidades na Beira Interior, a fruticultura atravessa um momento particularmente difícil de transição entre uma fruticultura tradicional e a fruticultura do futuro.**

## PARTE I: LEVANTAMENTO DA SITUAÇÃO

O sector frutícola, no seu sentido mais amplo, abrange uma larga gama de culturas, cuja individualidade consiste em serem espécies arboreo-arbustivas plurianuais. Incluem-se nesta definição as culturas da vinha, o olival, espécies de frutos carudos (pomóideas: macieira, pereira, marmeleiro e nespereira; prunóideas: pessegueiro, cerejeira, ameixeira e damasqueiro), espécies de frutos secos (amendoeira, noqueira, castanheiro e aveleira), os citrinos, os pequenos frutos silvestres (framboesas, amoras, groselhas e mirtilhos), os frutos sub-

-tropicais (actinídia, abacateiro, feijoa, maracujá, etc.) e, ainda, a figueira, a romanzeira, o diospiro e a alfarrobeira, entre outras.

É claro que nem todas estas culturas apresentam iguais potencialidades na região da Beira Interior. Muitas delas nem sequer se pode dizer que constituem uma verdadeira cultura, pois só se encontram dispersas nos quintais ou ao longo dos caminhos e ribeiros. Outras, no entanto, pelo impacto económico e pela tradição de cultivo, encontram-se já perfeitamente enquadradas na paisagem regional.

Neste último grupo, aparecem o olival, a cerejeira, a macieira, o pessegueiro, a vinha e a pereira. Será

sobre estas culturas que iremos dedicar a nossa especial atenção, não deixando, contudo, de fazer as necessárias referências a algumas espécies tradicionais, mas com reduzida expansão e a outras cuja introdução é mais recente.

Ecologicamente, a região da Beira Interior apresenta-se bastante heterogénea, pelo que se torna necessário fazer uma caracterização sumária de algumas zonas com diferentes condições para a prática da fruticultura.

Na zona central, entre as serras da Gardunha e da Estrela, acompanhando a bacia superior do rio Zêzere e da ribeira da Meimoa, encontra-se a Cova da Beira. Esta zona é uma área frutícola por excelência, responsável por uma parte apreciável da produção nacional de maçã, cereja e pêsego. Além destas culturas, encontramos ainda, nesta área, pomares de pereira, ameixeira, vinha e olival e, mais recentemente, actinídia (kiwi), aveleira, e pequenos frutos silvestres. O castanheiro também aparece, mas em povoamentos tradicionais, mais ou menos dispersos e irregulares.

A sul da serra da Gardunha (mas já fora da sua influência) e na zona raiana a sul da serra da Malcata, as características climáticas mais áridas e os solos mais pobres inibem a expansão de grande parte daqueles culturas. Apenas o olival (duma forma generalizada) e a vinha (em zonas mais ou menos restritas) persistem como alternativas à floresta, à exploração ovina extensiva e a algumas culturas arvenses de sequeiro (em especial o centeio). Algumas amendoeiras mais ou menos dispersas e em povoamentos tradicionais, que não constituirão verdadeiros pomares, também aparecem de onde em onde. De referir, nesta área, o perímetro de rega da barragem da Idanha, onde é possível encontrar

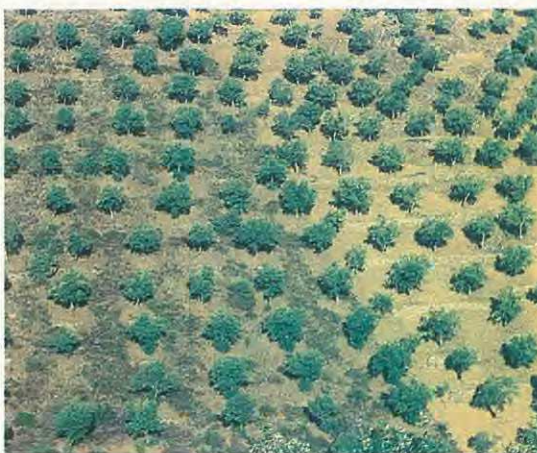
outras alternativas culturais: tabaco, tomate, melão, milho e algumas espécies fruteiras (citrinos e pessegueiro, entre outras).

A norte da serra da Estrela, especialmente na bacia superior do rio Mondego, vamos encontrar também boas condições para algumas espécies fruteiras: macieira, pereira, vinha, olival, etc.

Mais para o norte e interior, voltamos a encontrar a vinha, o olival, o castanheiro (nas zonas mais frias e montanhosas) e a amendoeira (nas zonas mais quentes do Douro--Superior).

Existe ainda uma outra zona incluída na Beira Interior, mas inserida na grande mancha florestal do Pinhal, onde o papel da fruticultura, embora possa ser importante ao nível do autoconsumo das populações locais, representará um papel relativamente diminuto no desenvolvimento dessa zona.

Em relação ao olival, existem grandes potencialidades para esta



cultura em toda a região da Beira Interior, onde aparece como predominante na zona sul e raiana. No entanto, debate-se com alguns problemas, dos quais salientaremos a idade avançada das árvores, a baixa densidade dos olivais, a dificuldade de acesso em zonas declivosas, a predominância da cultivar Galega, a falta de cuidados culturais, a escassez de mão-de-obra para a colheita e a degradação das unidades de laboração. Em muitas situações, ainda se faz a exploração

ovina sob coberto de olival.

Para ultrapassar esta situação e relançar a olivicultura portuguesa no lugar que já ocupou no panorama internacional, há que reestruturar por completo as actuais condições de produção. Há que encarar o olival como um verdadeiro pomar, dispensar-lhe todos os cuidados necessários (luta contra as infestantes, podas, fertilizações, tratamentos fitossanitários e regas), adensar os olivais bem localizados, substituir os olivais velhos por outros mais novos (com maiores densidades e cultivares qualitativamente melhores e adaptadas à colheita mecânica), abandonar definitivamente todos os olivais que, pela sua localização marginal, não permitam a mecanização, mudar as cultivares menos adequadas nos olivais adultos e em bom estado através da enxertia, introduzir a colheita mecânica, efectuar podas racionais adaptadas à mecanização da colheita e tendentes a atenuar o efeito da safra e contra-safra, introduzir a rega gota--a-gota, utilizar os herbicidas, modernizar as unidades de laboração através da expansão dos sistemas de extracção contínua, etc., etc.

Para actualizar a olivicultura portuguesa, aumentando a sua produtividade e reduzindo os seus custos de produção, podemos dispor actualmente de uma significativa ajuda por parte da CEE, através do programa PEDAP-olivicultura. Esperemos que os nossos olivicultores saibam tirar partido dessas importantes ajudas financeiras e que os serviços oficiais possam dar a conveniente resposta às suas solicitações.

A cerejeira, cultura bastante enraizada na tradição regional e cujo «solar» é a encosta norte da serra da Gardunha, debate-se também com alguns problemas agrupados em duas ordens distintas, mas interligadas: uma cultural e outra sanitária. Os pomares mais antigos,

enxertados em porta-enxertos francos, apresentam um porte demasiado elevado, conduzindo a elevados custos de colheita. Os pomares mais recentes, enxertados em *Prunus mahaleb* (mais ananicante), apresentam graves problemas de falta de afinidade, especialmente com as cultivares do tipo bigarreux, que só se fazem sentir com gravidade ao fim de alguns anos.

A agravar esta situação, de referir que muitos dos nossos pomares de cerejeira, especialmente os mais recentes, enfermam de graves ataques de cancro bacteriano (referido localmente por gomose), muitas vezes já a partir do material de propagação. Alguns destes casos sanitários estão frequentemente associados com os casos de incompatibilidade da enxertia. Existem ainda vários outros problemas sanitários e culturais que, em conjunto ou separadamente, causam a morte das plantas; esta morte, cuja causa exacta é difícil de determinar, designa-se genericamente por depercimento da cerejeira.

Uma nova era nesta cultura poderá surgir agora com a divulgação de um novo porta-enxerto - o Colt. Dos estudos, a que tem sido sujeito nas estações de investigação de França e Inglaterra, parece que a afinidade com as bigarreux é satisfatória e apresenta resistência a diversas doenças do sistema radicular e do colo (aspecto muito importante para a replantação). As características mais favoráveis do Colt residem numa elevada produtividade, indução de uma maior ramificação lateral e um sistema radicular com melhor adaptação aos solos de pior drenagem.

A macieira é outra das fruteiras mais importantes desta região, especialmente na Cova da Beira e na bacia superior do rio Mondego. A par dos velhos pomares, enxertados em franco e conduzidos em vaso

ou palmeta, aparecem já os pomares intensivos, enxertados em porta-enxertos clonais semi-ananicanos e conduzidos em eixo vertical.

Este sistema de condução, que começa agora a impor-se, tem pleno futuro na fruticultura, não só da região, mas também do país. Só ele permite, na prática, uma mais rápida entrada em produção, visando um rápido reembolso dos investimentos,



aliada a uma elevada produtividade, nível qualitativo do produto e reduzidos custos de produção, facilitando todas as operações culturais, incluindo as podas e a colheita (operações mais exigentes em mão-de-obra).

Em relação ao eixo vertical, resta-nos ajudar os fruticultores a tirar dele o melhor partido, desde a implantação, demonstrando-lhes todas as suas vantagens. Para tal, será necessário, não só uma melhor formação dos fruticultores, mas também uma reciclagem dos conceitos (e preconceitos) dos actuais técnicos quanto a podas, enxertias e implantação e, ainda, uma melhor e mais especializada formação dos novos técnicos.

Outro problema de fundo com que se debate a macieira (e não só) é a escolha das cultivares. Normalmente, os fruticultores estão mal informados quanto às características das cultivares, ficando sujeitos às indicações (nem sempre isentas) dos viveiristas ou às modas. Não nos podemos esquecer que, as fruteiras são culturas plurianuais e, quando instalamos um pomar, de-

vemo-nos certificar de que as cultivares escolhidas terão futuro, pelo menos nos 12 - 15 anos seguintes.

Quando, ao instalar um pomar, não se atende a este pormenor e se vai «atrás das modas», podemos estar a utilizar uma cultivar com más características, logo com o futuro comprometido, ou então, mesmo que a cultivar seja boa, podemos estar a contribuir para a criação dum excesso de oferta que se traduzirá na saturação do mercado e, conseqüentemente, na redução dos rendimentos.

Na Cova da Beira, tem-se verificado precisamente a expansão indiscriminada duma cultivar precoce - a Jersey Mac - que pode, num futuro próximo, trazer graves problemas aos fruticultores. Por um lado, é uma cultivar com más características vegetativas e gustativas; por outro lado, existem

melhores cultivares na mesma época (e até antes); finalmente, como qualquer outra cultivar precoce, tem um fruto muito perecível e, logo que exista em excesso, sofrerá uma forte desvalorização.

Problemas de ordem semelhante se colocam no pessegueiro, outra das fruteiras com maior expansão na Beira Interior, em particular na Cova da Beira. O excesso de implantação de cultivares precoces e semi-precoces (Junho e Julho) conduziu a um excesso de oferta, não se atingindo nesta época os elevados preços de há 5 - 10 anos atrás. O problema do escoamento agrava-se como foi o caso de 1989, as condições climáticas são favoráveis ao vingamento do fruto. Por outro lado, desguarneceu-se a época intermédia e tardia (Agosto, Setembro e Outubro), verificando-se já uma certa «invasão» de pêsegos tardios, provenientes predominantemente de Espanha, nos supermercados das nossas principais cidades.

Outro aspecto importante relativo ao pessegueiro, reside na po-

lémica existente à volta do sistema de condução ideal para esta cultura. Tanto o vaso como o eixo têm os seus defensores acérrimos e não queremos aqui tomar partido por qualquer um deles. Pretendemos apenas chamar a atenção para o facto de que, frutificando generosamente nos ramos do ano, o pessegueiro pode começar muito rapidamente a reembolsar o nosso investimento, o que não acontecerá se perdermos 2 - 3 anos da vida útil do pomar nas ditas «podas de formação», independentemente do sistema de condução em causa.

Frequentemente se aponta como vantagem ou inconveniente deste ou daquele sistema de condução, o factor longevidade da planta. Devemos atender a que o pessegueiro é uma espécie na qual se podem obter com facilidade novas cultivares, pelo que raramente qualquer uma delas se manterá actual para além dum período de 10 anos. Assim, em tão curto período torna-se crucial, para o êxito da cultura, que se explore o máximo potencial produtivo da planta durante esse período, substituindo-a depois por outra mais actual. O que não podemos é desperdiçar um terço da vida útil do pomar na poda de formação; para isso, devemos deixar que a planta se desenvolva o mais naturalmente possível e a nossa acção deverá constar apenas no controlo do equilíbrio entre a produção e o crescimento, a fim de garantir produções regulares, tanto em quantidade como em qualidade.

Tal como o olival, a vinha é uma das culturas mais enraizadas na nossa tradição nacional. A Beira Interior também não é excepção, embora esta cultura não represente aqui o papel principal que representa noutras regiões. No entanto, ela também aparece, se bem que distribuída desigualmente, tendo uma maior representatividade no distrito da Guarda do que no de Castelo Branco.

Nesta cultura, os problemas são

de natureza diferente dos que até aqui temos enunciado para outras culturas. O vinho é um produto de transformação cuja qualidade depende do equilíbrio dos componentes químicos do bago e, embora as castas continuem a ser as mesmas, a qualidade global dos vinhos tem vindo a baixar.

De entre os factores que têm contribuído para esta diminuição, salientaremos um que, afinal, está directa ou indirectamente relacionado com grande parte dos problemas com que a nossa agricultura, em geral, e a nossa fruticultura, em particular se debate, a escassez de mão-de-obra. Este facto terá obrigado os viticultores a tomar medidas para reduzir os custos de produção e aumentar a produtividade. Contudo, as medidas até agora tomadas nesse sentido (fertilizações, podas curtas, alargamento dos compassos, alinhamento da cultura, etc.) têm contribuído para o aumento da produtividade à custa do incremento do vigor da cepa. Este não favorece em nada a qualidade final do produto, muito pelo contrário, vai reduzi-la, pois afecta negativamente a proporção dos diferentes componentes químicos da uva.

Por outro lado, a solução encontrada para o escoamento das produções - as Adegas Cooperativas - também tem contribuído, pelo seu sistema de funcionamento, para a degradação da qualidade e individualidade dos vinhos. Ao receber qualquer tipo de uva, pagando-a toda ao mesmo preço do grau.kilo e misturando-a toda à recepção, as Adegas Cooperativas estão a prestar um mau serviço aos seus associados, à sua região e ao seu país.

Presentemente, na Beira Interior estão já criadas 3 regiões com denominação de origem, produtoras de vinhos de qualidade - os V.Q.P.R.D. São elas: Cova da Beira, Pinhel e Castelo Rodrigo. Um importante passo é agora necessário para que os viticultores da região possam vir a beneficiar destas novas

condições: há que criar rapidamente uma Comissão de Viticultura Regional, que sirva como pólo de dinamização e de união entre os viticultores e entre as diferentes adegas da região. A primeira e mais importante missão dessa comissão será a de estabelecer as regras e controlar o funcionamento das diferentes denominações de origem, numa palavra, disciplinar o sector. Se uma tal comissão estivesse já em funções, mais esclarecida poderia ser hoje a política regional no tocante à aplicação dos programas comunitários de abandono definitivo e reestruturação da vinha.

Nesta região, uma alternativa da viticultura em relação aos vinhos sem qualidade, poderá ser a produção de uva de mesa e uva-passa.

A pereira é também uma das fruteiras que aparece já bastante implantada na região, mas sem a expressão que atinge a macieira ou o pessegueiro. Quanto a esta espécie, muito pouco podemos referir, não porque a cultura não apresente problemas específicos, mas antes porque a resolução dos seus principais problemas se encontra num impasse. Referimo-nos concretamente às cultivares que são e deverão continuar a ser as mesmas dos últimos 20 - 30 anos.

Contudo, algumas melhorias se têm verificado ultimamente, concretamente no que respeita à substituição dos porta-enxertos francos pelos porta-enxertos de marmeleiro (especialmente após a divulgação do Provence BA-29) e à utilização de sistemas de condução próximos do eixo vertical da macieira.

Muito se ouve falar da aptidão nacional, em particular da Beira interior, para a produção de frutos secos. O castanheiro e a amendoeira são duas espécies que se encontram com alguma frequência, embora o primeiro mais para norte da serra da Gardunha e a segunda nas zonas mais quentes do sul e do extremo norte (Douro). Não se pode

afirmar, contudo, que estas fruteiras constituem verdadeiros pomares.

O castanheiro tem sido até aqui considerado como uma espécie florestal que, por acaso, também dá frutos aproveitáveis pelo homem. O desaparecimento desta planta na região será devido a três factores essenciais: morte por acção da doença da tinta; elevado valor da sua madeira na indústria de mobiliário; melhoria do nível de vida das populações rurais. Para que esta espécie possa vir a representar de novo uma boa fonte de rendimento, é necessário que passe a ser encarada como uma fruteira e, como tal, venha a ser instalada em pomares intensivos, enxertada em porta-enxertos resistentes à doença da tinta e dispensando-lhe os devidos cuidados culturais. Quanto às cultivares, Portugal possui as melhores da Europa, o que deve constituir a «excepção que confirma a regra».

Quanto à amendoeira, podemos dizer que ela também se encontra em regressão, em especial por ter sido relegada para os solos mais marginais e de difícil acesso. Este facto determinou o seu abandono face à escassez de mão-de-obra e à baixa produtividade. Outro aspecto negativo na cultura tradicional desta espécie é a baixa qualidade do produto: casca dura; grande proporção de amêndoas amargas; baixo rendimento em miolo; etc. Tal como o castanheiro, a amendoeira pode vir a representar ainda um papel relevante na fruticultura regional, desde que seja instalada em verdadeiros pomares, com cultivares de alto rendimento em miolo, casca mole para facilitar o descasque e tratada com os devidos cuidados culturais.

Outro fruto seco começa já a aparecer na Cova da Beira - a aveleira. Desta fruteira não há grande tradição de cultivo em Portugal, embora apareça como semi-expon-tânea na região de Viseu. Desta forma, estamos em crer que poderá vir a desempenhar um papel bastante importante na diversificação

cultural da Beira Interior, em especial a norte da serra da Estrela e, em regadio, também na Cova da Beira. Contudo, há que estudar convenientemente esta espécie, especialmente no que respeita à escolha das cultivares mais adequadas a cada zona, dando particular atenção ao problema da polinização.

Para os frutos secos, em geral, outro aspecto deve ser tomado em consideração no que respeita à viabilização da sua cultura: trata-se da possibilidade de mecanizar totalmente, incluindo a colheita e o processamento posterior. Assim, a sua expansão deverá planear-se com a devida cautela, dedicando especial atenção a este problema.

Outras espécies começam a aparecer já sob a forma de pomares. Trata-se da ameixeira, do kiwi, dos pequenos frutos silvestres e, em escala ainda mais reduzida, o damasqueiro. Pouca coisa podemos adiantar quanto ao futuro destas espécies na região, em especial na Cova da Beira, onde aparecem com maior frequência.

Tanto a ameixeira como o damasqueiro, poderão ter o futuro assegurado, uma vez que podem produzir numa época com pouca oferta de frutos frescos de outras espécies. Convém, no entanto, advertir para o facto de que a plantação indiscriminada destas espécies (com frutos altamente perecíveis) pode vir a levantar, num futuro próximo, graves consequências de excesso de oferta no mercado, em especial se as cultivares não forem criteriosamente escolhidas ou se se apostar demasiado em apenas uma ou duas. Contudo, estas culturas poderão ter ainda uma alternativa viável na industrialização.

Quanto ao kiwi, esta região encontra-se longe e é bastante distinta (ecologicamente) da sua zona óptima, mas, à falta de informações mais concretas, não podemos afirmar que ela não terá futuro.

Os pequenos frutos silvestres (amoras, framboesas e groselhas)

só poderão ter futuro como alternativa à utilização de pequenas áreas e como aproveitamento de mão-de-obra familiar. Contudo, caso se venha a incrementar a sua utilização industrial, o seu futuro poderá vir a ser mais promissor.

Finalmente, não queríamos deixar de referir algumas espécies que também existem na região, embora, na maior parte dos casos, como árvores isoladas ou dispostas ao longo dos caminhos, muros ou ribeiros. Trata-se do marmeleiro, da romanzeira, da figueira, da nespereira, do diospireiro e dos citrinos. Em termos de frutos para consumo em natureza, salientamos a nespereira e o diospireiro como fruteiras candidatas a um futuro comercial promissor.

Concretamente, nos últimos anos temos sido «invasidos», numa determinada época do ano, por nêsperas de óptima qualidade (vindas de Espanha) e com uma apresentação sedutora, que conquistaram já uma larga camada de consumidores. O diospiro, especialmente as cultivares partenocárpicas (sem sementes e, por isso, pouco adstringentes), é um fruto que actualmente atinge já uma boa cotação no mercado e em vias de expansão.

A figueira, quando produza figos lampos (em Junho), poderá também vir a ter um lugar de certo destaque num futuro talvez um tanto mais longínquo. Quanto ao marmeleiro, continuará apenas a ter o seu lugar na indústria de compotas, enquanto a romanzeira, planta utilizada muitas vezes como ornamental, continuará a dar um fruto cujo consumo é muito reduzido e determinado, frequentemente, pela curiosidade e pela tradição. Os citrinos não encontram aqui as condições óptimas para o seu desenvolvimento (excepto nalgumas áreas microclimáticas), pelo que o seu cultivo se destina em geral para o autoconsumo.

\* Eng. Agrónomo. Assistente do 2º Triénio da ESACB.